

Agostinho da Silva e a construção do mundo do espírito

Constança Marcondes César*

Para compreendermos o significado do Reino do Espírito, na obra de Agostinho da Silva, é preciso tomarmos como ponto de partida suas considerações sobre o mundo atual, sobre a crise da sociedade contemporânea.

O tempo em que vivemos apresenta, na ótica de nosso autor, várias analogias com o fim do Império Romano. Tais analogias são levadas ao extremo quando o pensador julga poder reconhecê-las na oposição entre o hemisfério Norte e o hemisfério Sul. O hemisfério Norte e suas “sucursais”, como ele chama a Austrália e a África do Sul, são as regiões mais desenvolvidas. Na periferia dessa área, e mesmo dentro dela, acham-se inúmeros desempregados.

A área desenvolvida é identificada com um segundo Império Romano. As menos desenvolvidas, cheias de famintos e sem trabalho, são os *novos bárbaros*, que já começam a invadir a área “civilizada”. Os pólos de entrada desses *novos bárbaros* serão o que nosso autor chama de as duas Penínsulas Ibéricas: a primeira, constituída por Portugal e Espanha; a outra, pelos países da América Latina.¹

O desafio consiste no fato de as áreas desenvolvidas enfrentarem uma persistente crise, decorrente de um progresso tecnológico desordenado, produzindo efeitos indesejáveis, do ponto de vista *humano*.

Assim, de um lado, temos desumanização e desmoronamento de um mundo; de outro, o alvorecer de uma nova época.

No mundo que se desmantela, encontramos o conflito entre liberdade e sobrevivência. Agostinho se refere explicitamente ao conflito que opunha, na década de 80, as duas grandes potências: EUA e Rússia. A primeira celebra a liberdade de pensamento, mas estoca alimentos enquanto parte da população

* Constança Marcondes César é Professora titular da PUC de Campinas; membro do Instituto Brasileiro de Filosofia, do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e da Academia Brasileira de Filosofia, da Academia Internacional de Filosofia, da Academia de Ciências de Toulouse.

mundial morre de fome; aqui se vê crescer o uso de drogas e o suicídio de jovens; e aumentar a violência e o número de prisioneiros. A outra potência celebra a eliminação da fome; mas essa foi feita à custa da instauração de governos ditatoriais, totalitários e repressivos.²

A organização atual da sociedade parece fadada a desencadear uma crise de enormes proporções. Ela se expõe no amplo desemprego *dos* que não podem ser absorvidos pelo mercado de trabalho; no desespero dos jovens que, “educados para trabalhar, chegam à idade de trabalhar e não trabalham. Não podem comer sem trabalhar; e não podem sequer divertir-se sem trabalhar”.³ O impasse vem se acentuando e duas saídas igualmente difíceis se anunciam: a ampliação da busca das drogas e do álcool ou a violência.

A crise ocorre por falha do Estado, que foi incapaz de orientar corretamente os resultados da capacidade inventiva do homem. Trata-se, para Agostinho, de reduzir o tempo de trabalho de todos; de possibilitar o amplo acesso a alguma tarefa; de canalizar o tempo livre de todos para o lazer e o aprimoramento.

O Estado atual só melhorou as condições daqueles que já têm acesso ao trabalho. Acentuou, assim, a divisão entre empregados e desempregados.

O caráter burocrático e desumano da sociedade atual vai perdurar muito tempo. Mas já começam a surgir sinais de que a situação pode ser superada. É

“só a fé no homem, nas possibilidades divinas do homem [que] nos pode levar de novo à Idade de Ouro (...), [ao] tempo de fraternidade e de amor, sem angústia e sem dramas, tempo de contemplação e de absorção em Deus, tempo de ação mental, a mais verdadeira e a mais eficaz de todas as *ações*”.⁴

A possibilidade está aberta para sairmos dessa circunstância opressiva: cabe-nos, diz o mestre, usar a imaginação.

É recorrendo à teoria da história de Joaquim de Flora, que pensa a sucessão do tempo à luz das três figuras da Trindade, que Agostinho vai oferecer alternativas. O Reino do Espírito será *construído* ao buscarmos novos modos de viver e ser, ousando o impossível.

O impossível é a realização do Reino de Deus na Terra, o Reino do Espírito Santo, caracterizado pela liberdade, criatividade, plenitude. Do lado do império econômico e político que se desmantela, não há liberdade política, não há liberdade econômica: há “coação exercida pelos que dispõem dos

meios de produção, de transportes e de crédito (...)", [há] "fácil corrupção do voto" (...) [e] "a miséria nem pensar *pode*".⁵

A sociedade atual está baseada na opressão de uns sobre outros, na idéia do homem como instrumento de produção; baseia-se na concorrência e no lucro, na propriedade.

Ora, "a questão é que não se pode ser capitalista e religioso",⁶ diz Agostinho. Não se pode afirmar a fraternidade, sem o respeito ao outro; e ainda: "Não há propriedade alguma que Deus possa abençoar; Deus só pode abençoar a não-propriedade",⁷ o serviço a todos. Trata-se, para o nosso autor, de instaurar a liberdade econômica, mediante a "propriedade coletiva da terra", como "ponto a que se dirigem, convergindo, o progresso da consciência ética e o progresso da utilização técnica das ciências",⁸ estabelecendo cooperativas.

Se essa iniciativa não for levada a efeito imediatamente, "conseqüências graves [adivirão] para todo o mundo (...)",⁹ na opinião de nosso autor.

Uma revolução está em marcha, provocada pela *automação*: "um futuro tempo em que todo o produto manufaturado, pelo emprego das fábricas automáticas, não exigirá de ninguém trabalho involuntário (...)".¹⁰

Essa revolução virá; caso a propriedade seja coletiva, virá mais depressa. No capitalismo, com a automação, só vai crescer o número de desempregados, e os trabalhadores em atividade acabarão por não ser capazes de pagar o subsídio para os outros. Desse impasse, decorrerão guerras ou revoluções, dando lugar a uma nova etapa: a de luta entre a não-propriedade e a propriedade coletiva, luta do hemisfério Sul contra o hemisfério Norte.¹¹

Daí a exigência de se construir uma nova ordem, aquilo que Agostinho chama de Reino do Espírito. Essa nova ordem é uma nova concepção do religioso, das virtudes, com ressonâncias no âmbito da economia, da política, da educação.

No plano religioso: a religião do Espírito Santo não é confessional, mas resulta da convergência de três princípios: "O homem deve dominar as coisas e não ser dominado por elas (...) deve obedecer ao que o transcende e não aos seus caprichos; nenhum corpo deve fazer o que a alma reprova, nenhuma alma deve fazer o que reprova o corpo."¹² As virtudes de "humildade (...), generosa alegria (...), imaginação (...), inocência",¹³ presentes nas crianças, consideradas como modelo de vida, de entusiasmo, tiveram grande expressão nos momentos históricos de maior criatividade, como *ocorreu* entre os gregos, os árabes de Córdoba, os italianos do Renascimento.

Recriar esse espírito de *entusiasmo*, de invenção, de sacralização da vida e do mundo é a proposta de Agostinho.

A instauração do *Reino* se inicia, diz nosso autor, no espírito dos homens; consiste na celebração de uma nova ordem, a partir de três *votos* essenciais: “o de *criar* beleza (...), o de servir (...), o de rezar (...)”.¹⁴

Esse espírito é essencialmente religioso: a religião do Espírito propõe a cada um a fidelidade a si e o amor aos outros, como princípios essenciais.¹⁵ Religioso é tudo o que enfoca como valor essencial a unidade; é o “desejo supremo de fusão no Uno”,¹⁶ é o desejo de fraternidade, acima da busca do saber ou do conhecimento.¹⁷

No Reino do Espírito, o ideal de governo é “o não haver governo”;¹⁸ o “de economia, o não haver economia” eliminando-se a oposição produtor/consumidor, patrão/operário;¹⁹ no plano de vida política, é a superação das antinomias entre criança/adulto, ignorante/sábio, homem/mulher.²⁰

Definindo a política como “uma ponte de passagem entre um hoje e um futuro”,²¹ trata de discernir as características da política que possa conduzir ao Reino do Espírito, de modo que este não seja apenas uma utopia, um sonho, mas irrompa no agora. Para tanto, uma “política sem partidos”,²² é condição de nos irmanarmos, de acentuarmos não o que nos opõe, mas o que nos une.

Trata-se, assim, de levar o homem a chegar a compreender “a mais alta idéia, a de que o sonho vale mais do que a realidade, a de que o contemplar sobrepuja o agir (...)”.²³

As escolas, por sua vez, terão que *acentuar* a capacidade de criação, de invenção, em todos os campos; serão “escolas sem professores, apenas com o encontro cotidiano de pesquisadores e inventores e criadores em vários graus de progresso (...)”.²⁴

A escola atual segrega o aluno, faz dele um especialista, dócil às expectativas dos adultos e o torna ferozmente competitivo.

A escola do futuro dará a prioridade à criança, levando o adulto a reaprender a imaginação, o jogo, o sonho.²⁵ Nosso autor busca criar “o lugar cívico de educação e de vida (...) em que o criar vá muito além do saber (...) em que o jogar se encontre com o trabalho, em que a liberdade crie sua própria disciplina e em que o contemplar domine o agir, e o adorar se sobreponha ao poder (...)”.²⁶

A construção do Reino do Espírito passa pela atuação importante de Centros de Estudos, de Universidades. Atribuindo um papel essencial ao Brasil, nessa abertura de um novo tempo, Agostinho assinala a importância do surgimento da Universidade de Brasília, que ajudou a fundar.

Estabelecendo analogias entre a época em que vivemos e a do surgi-

mento das ordens monásticas, propõe como inspiração o lema de São Bento: ora e trabalha. Ou seja, acha importante associar o estudo e o trabalho, de modo que o povo se reúna à volta das Universidades, como outrora, dos agrupamentos circundantes aos mosteiros, surgiu o que hoje é a Europa. Talvez desse modo, diz o pensador, possa surgir, num mundo “frágil e ameaçado”, uma nova raça “de sábios, monges e soldados”²⁷ que possa superar as guerras e conflitos em que estamos mergulhados.

Agostinho, a partir de sua atuação nas Universidades brasileiras, criou Centros de Estudo que realizaram, concretamente, o estabelecimento de laços entre América, África, Europa e Ásia.

O grande projeto de fundação de Centros Universitários *interligados* está exposto no texto *Bahia.Coleção de Folhetos*. Refere-se a um projeto feito no Brasil, mas publicado em Lisboa em 1971.²⁸

Aí, narra a criação, em 1959, do Centro de Estudos Afro-Orientais, na Bahia; a criação, em 1962, do Centro de Estudos Portugueses e do Centro de Estudos Clássicos, na Universidade de Brasília. Refere-se à formação de grupo de colaboradores, professores pesquisadores de diferentes áreas: História, Filologia, Arte, Filosofia, Música, Poesia.

Mirar o sonho, ousar o impossível; e com fé, alegria, paciência, persistência, realizar o possível, nas circunstâncias dadas. Foi o que Agostinho fez, ao longo de sua vida inteira. Reuniu grupos de estudiosos que abraçaram o sonho e trataram de pô-lo em andamento.

O entusiasmo, a profundidade de sua contribuição *fizeram* de nosso autor um mestre, a semear uma espantosa obra cultural, e a ascensão humana e pessoal daqueles que tiveram a felicidade de encontrá-lo e com ele colaborar.

A fé no sonho, na capacidade do homem de realizar o melhor de si mesmo; o convite a traduzir em ação e em vida o conhecimento, o saber; a *poderosa* inflexão de suas idéias e de seus projetos tiveram impacto decisivo na transformação das regiões do Brasil onde esteve. Fundador de Centros de Estudos e de Universidades, fez de sua atuação em diversos deles uma ponte para o futuro: a construção do Reino do Espírito. Entendendo o mundo novo também como um mundo profundamente interligado e dialogante e considerando que esse diálogo teria que se estabelecer acima dos conflitos e interesses, acima dos jogos de poder e das lutas que contrapõem culturas, religiões, economias, filosofias –, Agostinho estabeleceu metas concretas para o *papel* a ser desempenhado pelas universidades, nesse campo.

Assim, diz:

“(...) suponho ter ficado mais ou menos definido (...) que, a poder-se um dia voar mais largo, teriam que se estabelecer os Centros, não [só] no Brasil, mas nas regiões em que se estivesse interessado, criando junto de todas as Universidades brasileiras postos de recrutamento de bolsistas e, nas respectivas bibliotecas centrais, sessões especializadas (...)”²⁹

O Brasil seria, na perspectiva de nosso autor, o novo ponto focal entre Europa, Ásia e África, uma vez que já representa esse encontro, dos pontos de vista cultural e racial.

O grupo de estudiosos que se reuniu em Brasília, na fundação da Universidade, em torno do Centro de Estudos Portugueses e do Centro de Estudos Clássicos, em colaboração com Agostinho da Silva e *Eudoro de Sousa*, teve, dentre outros, *nomes* como os de *Ordep Serra*, *Emanuel Araújo*, altamente expressivos no cenário nacional.

O projeto da Universidade de Brasília enfatizava os estudos clássicos, a tradução direta do latim e do grego, a organização de coleções de edições bilíngües, assim como a tradução de manuais básicos de diferentes áreas. A Universidade deveria ter *postos avançados* em diferentes pontos do mundo.

A certeza de que o sonho é possível, a fé no homem e nas suas potencialidades criadoras, a esperança no futuro, que conduz a ações concretas para a realização do melhor em nós e nos outros, talvez seja o grande legado de Agostinho.

O sonho impulsiona; funciona como valor-horizonte, meta que produz uma orientação geral da vida para a realização de um novo mundo. O grupo que trata de instaurar o *novo*, “é fundamentalmente do lugar em que qualquer um de nós reside e da obra que estivermos realizando (...)”³⁰

O importante não é esperar, para agir, circunstâncias absolutamente favoráveis; é, antes, ter um projeto e *pautar* a vida por ele; é pôr o sonho em marcha, realizando o que for possível.

O legado de Agostinho é uma ética do possível, uma ética do sonho. Como ele mesmo diz, “o sonho vale mais que a realidade”³¹ a contemplação conduz à ação. E se não é possível realizar de uma vez por todas e de imediato o mundo sonhado, é, contudo, um convite e uma incitação começar realizá-lo no instante presente, na circunstância dada, com os instrumentos, alternativas e pessoas disponíveis.

Em resumo, pode-se dizer que:

- a) o ponto de partida da interpretação da situação contemporânea, em Agostinho, é a constatação da crise presente. Tal crise é analisada como resultante de uma ruptura entre o fazer técnico e o significado profundo do existir humano. As atuais estruturas econômico-políticas só acentuam essa ruptura, produzindo fome e desemprego, contraposição entre países desenvolvidos e não-desenvolvidos, guerras e conflitos entre culturas, gerações, trabalhadores e desempregados;
- b) recorrendo à interpretação da história de Joaquim de Flora, monge medieval discípulo de Santo Agostinho, nosso pensador se refere à Idade do Espírito, como objetivo a ser buscado, ideal a ser concretizado. Afirma a *fé* nas possibilidades criadoras do homem como fio condutor para sairmos do impasse atual; afirma o *amor* como via privilegiada dessa realização, e a *esperança* não como espera vazia, mas como certeza de que a utopia é possível.
Fé, esperança e amor se unem na férrea disciplina intelectual, no exercício quotidiano da busca de conhecimento e na repartição desse conhecimento através de ações concretas, educativas, e do estreito diálogo com grupos de intelectuais atentos às possibilidades abertas pelos recursos da ciência atual;
- c) a crítica à sociedade contemporânea e a afirmação das virtudes estão vinculadas, em Agostinho da Silva, a uma *ética do possível*.

Por *ética do possível* entendemos sua concepção de agir voltado para a realização do melhor, a cada momento dado. É uma sabedoria prática, interessada em solucionar problemas concretos, visando alcançar a máxima expressão do humano como resultado. Trata-se de suscitar, em si e nos outros, a coragem transformadora do mundo, libertando o ser humano da servidão do trabalho repetitivo, para a vida criadora, na qual “o sonho vale mais que a realidade”.³²

Notas

- 1 A. da Silva. “Carta Vária: XLI”. In: *Dispersos*. Lisboa: ICALP, 1988, p. 830.
- 2 A. da Silva. “Carta Vária: LIV”. In: *Op. cit.*, pp. 842-843.
- 3 A. da Silva. “A minha meta é o ponto sem dimensão” (entrevista ao *Diário de Notícias*). In: *Op. cit.*, p. 142.
- 4 A. da Silva. “A Comédia Latina”. In: *Op. cit.*, p. 190.

- 5 A. da Silva. "Considerando o Quinto Império". *In: Op. cit.*, p. 193.
- 6 A. da Silva, *ibidem*.
- 7 A. da Silva, *ibidem*.
- 8 A. da Silva, *ibidem*.
- 9 A. da Silva, *ibidem*. p. 194.
- 10 A. da Silva. *Ecúmena*. *In: Op. cit.*, p. 231.
- 11 A. da Silva, *ibidem*. p. 232.
- 12 A. da Silva. "Considerando o Quinto Império". *In: Dispersos*, p. XXXXXX
- 13 A. da Silva, *ibidem*.
- 14 A. da Silva, *ibidem*. p. 198.
- 15 A. da Silva. "Carta chamada Santiago". *In: Op. cit.*, p. 586.
- 16 A. da Silva. *Ecúmena*. *In: Op. cit.*, p. 227.
- 17 A. da Silva, *ibidem*. p. 228.
- 18 A. da Silva. "Considerando o Quinto Império". *In: Op. cit.*, p. 199.
- 19 A. da Silva, *ibidem*. p. 200.
- 20 A. da Silva. *Ecúmena*. *In: Op. cit.*, p. 232.
- 21 A. da Silva, *ibidem*. p. 233.
- 22 A. da Silva, *ibidem*.
- 23 A. da Silva, *ibidem*. p. 239.
- 24 A. da Silva. "Considerando o Quito Império". *In: Op. cit.*, p. 199.
- 25 A. da Silva. *Ecúmena*. *In: Op. cit.*, p. 235 e ss.
- 26 A. da Silva, *ibidem*. p. 237.
- 27 A. da Silva. "Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília". *In: Op. cit.*, p. 252.
- 28 A. da Silva. *Op.cit.*, pp. 493-499
- 29 A. da Silva. "Bahia Coleção de Folhetos". *In: Op. cit.*, p. 494.
- 30 A. da Silva, *ibidem*. p. 497.
- 31 Cf. nota 23.
- 32 Cf. nota 23.

Resumo

Partindo da constatação da crise do mundo atual, Agostinho da Silva, inspirado em Joaquim de Flora, propõe como alternativa a construção de uma nova forma de convivência entre os homens, que afirme os valores do conhecimento, da fé, do amor e da esperança. Trata-se de instaurar uma ética do possível, através do diálogo entre grupos de intelectuais e de centros de pesquisa, favorecendo o intercâmbio de idéias e a vida criadora.

Palavras-chave: Espírito; Joaquim de Flora; Virtudes; Conhecimento; Crise.

Abstract

Starting from the perception of the world's ongoing crisis and inspired by Joachim of Fiore, Agostinho da Silva suggests as an alternative the building of a new form of living in society, one which affirms the values of knowledge, faith, love and hope. It is about instauration of an attainable ethic, through the dialogue between intellectual groups and research centers, favoring the interchange of ideas and creative life.

Keywords: Spirit; Joachim of Fiore; Virtues; Knowledge; Crisis.